

Introdução a Museologia – Professor Martin Grossman

Mariana de Almeida Jacinto – 8073768 – noturno

O museu como um problema político

Ao visitarmos o Memorial do América Latina, já nos deparamos com a existência de 15 portões diferentes, sendo que apenas três ficam abertos, dois terrenos separados por uma rua e unidos por uma passarela, oito construções, cinco prédios disponíveis para visita, duas praças com pouca vegetação, além de muito pouca – ou quase nenhuma – sombra.

Fazendo uma visita em um feriado, como por exemplo o da Consciência Negra, a variedade de stands, barracas, shows e até mesmo espaços para jogar basquete ou receber dicas de beleza para a pele negra, deixa a frieza do concreto característico de Niemeyer quase despercebida.

A falta de luminosidade dentro dos prédios também não é notada quando as luzes instaladas para a performance de um DJ percorrem um dos espaços de visita, bem como as obras neles instaladas. A confraternização ocorre no Salão de Atos com Tiradentes participando ao mesmo tempo em que é decapitado.

Uma feira de veículos antigos ou mesmo a existência de um circo na praça, também não passam em branco na visita do público em um fim de semana qualquer. A gravação de comerciais de carros também surpreendem vários visitantes em dias da semana.

Se entrarmos pelo portão que foi projetado para ser a entrada principal do Memorial, depois de pisarmos nos nomes das tribos indígenas, na obra de Maria Bonomi, nos deparamos com vários painéis feitos de argila, bronze e alumínio, materiais que foram escolhidos para representar três momentos distintos da história dos povos nativos e que também absorvem a água utilizada na limpeza do espaço de acordo com a sua especificidade.

Paul Valéry começa seu artigo “O Problema dos Museus” dizendo não gostar muito de museus. “Não gosto muito de museus. Alguns deles são admiráveis, mas nunca deliciosos. As ideias de classificação, de conservação e de utilidade pública, que são justas tem pouca relação com as delícias. No primeiro paço que dou em direção às coisas belas, uma mão me tira a bengala, um aviso me proíbe de fumar”¹.

Indo visitar o Salão de Atos em um dia qualquer, nos deparamos com as placas que proíbem o fumo, os animais e, sobretudo, os flashes. Mas quando entramos no espaço, não é apenas a acústica do lugar, ou a altura dos painéis de Poty e Caribé, que nos chamam a atenção. A tinta a têmpera derretendo a cena da construção do herói nacional também não passa despercebida numa tarde quente de sol.

“Suor, sangue e pobreza marcaram a história dessa América Latina tão desarticulada e oprimida”. Essa é a frase que elucidou a grande mão, escultura de Niemeyer construída no Memorial, onde o mapa do continente escorre o sangue do povo latino-americano.

É interessante notar que logo na frente dessa obra, temos a galeria de arte Marta Traba, que foi construída para ser um restaurante popular, mas que se tornou um espaço cultural que abriga exposições rotativas de arte contemporânea. Atravessando a passarela que dá acesso a outra parte do Memorial, temos um restaurante que não condiz exatamente com essa ideia que vai de encontro com a exploração e opressão do povo latino americano, colocada por Niemeyer nessa escultura, pois grande parte dos funcionários do Memorial não possuem poder aquisitivo suficiente para frequentá-lo.

Neste lado do Memorial também há o Pavilhão da Criatividade, espaço que expõe objetos de arte popular de diversos países da América Latina. A compra desses objetos foi feita no fim da década de oitenta por uma pesquisadora chamada Marin Bisillia e seu marido fotógrafo, Jacques Bisillia. O que mais chama atenção nesse espaço é a quantidade de cores e texturas diferentes que podemos encontrar.

“O ouvido não suportaria escutar dez orquestras ao mesmo tempo. O espírito não pode seguir, nem conduzir várias operações distintas. E não há raciocínios simultâneos. Mas o olho, na abertura

¹ VALÉRY, Paul. **O problema dos museus**. IN: *Revista do Patrimônio Histórico Nacional*. RJ: 1996, nº 32. P. 52

de seu ângulo móvel, e no instante de sua percepção, acha-se obrigado a admitir um retrato e uma marinha, uma cozinha e um triunfo, personagens em estados e dimensões os mais diferentes; e além disso, deve acolher, no mesmo olhar, harmonias e maneiras de pintar incompatíveis entre si”. (VALÉRY, 1996, p. 53)

Embora neste espaço não encontremos pinturas, é interessante pensar na forma como são expostas os objetos no Pavilhão. São divididos por países, Brasil, México, Equador, Chile, Guatemala, Peru, Bolívia e Paraguai, além de uma maquete lúdica que representa o mapa da América Latina. Muitos dos objetos são expostos em redomas de vidro, o que não se diferencia muito das mercadorias em vitrines de shoppings.

Isso contribui para uma sensação que não se distancia de uma ideia de fetiche desses objetos, colocando a cultura latino-americana como exótica, diferente, caricata, ocultando a noção, por exemplo, de que muitos dessas peças são usados cotidianamente. A grande quantidade de objetos colocados em um mesmo espaço, sem critérios de exposição que vão muito além da divisão por países, ilustra essa descrição de Valéry, no qual o sentido da visão se acha violentado por este abuso de espaço.

Na frente do Pavilhão da Criatividade, temos o antigo prédio do Parlamento latino americano, que atualmente é a Secretaria da Acessibilidade e não tem nenhuma relação direta com a temática da América Latina, o que causa estranhamento em muitos visitantes. Também há o auditório Simon Bolívar, que não está funcionando em função do incêndio que ocorreu em 2013.

Desta forma, uma visita no Memorial da América Latina pode evidenciar algumas contradições com o próprio projeto cultural de Darcy Ribeiro que pretendia fazer do Memorial um espaço para unir os povos latino americanos e preservar suas memórias, bem como das diretrizes que orientaram as obras e o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer.

Ainda, podemos observar problemas relativos ao descaso total com a conservação das obras e dos espaços. Além disso, a existência de eventos diversos que fogem totalmente da temática latino americana e que muito menos propõem discussões sobre as relações de opressão que norteiam o pensamento de Darcy e Niemeyer, ocorrem com frequência no Memorial, tendo em vista a necessidade de verba que é

conseguida com o aluguel do espaço. A falta de materiais que norteiam as visitas espontâneas e a própria restrição de abertura dos portões é um fator que distancia os visitantes.

O problema dos museus, e especialmente daqueles que se constituem como fundações públicas, como o Memorial da América Latina, embora ilustre essa problemática da fruição, colocada por Valéry - tendo em vista a forma como ele se organiza, não apenas enquanto museu, mas também na sua especificidade, como o Pavilhão da Criatividade, por exemplo - ultrapassa esse tipo de questão, demonstrando, portanto, que o problema dos museus também é político.

Bibliografia:

VALÉRY, Paul. **O problema dos museus.** IN: *Revista do Patrimônio Histórico Nacional*. RJ: 1996, nº 32. P. 52